

Revista **a**

EVOLUÇÃO

Ano III, nº 28 - Maio/2022

ISSN 2675-2573



**A educação
por quem
a vive.**



Filada 2
ABEC
BRASIL
Associação Brasileira de Editores Científicos



www.primeiraevolucao.com.br

Revista **1ª** EVOLUÇÃO

Ano III - nº 28 - Maio de 2022

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Alexandre Passos Bitencourt

Andréia Fernandes de Souza

Vilma Maria da Silva

Organização:

Vilma Maria da Silva

Colunista: Isac dos Santos Pereira

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Ana Paula Brito Paixão

Anna Caroliny Lima Kecek Ruiz

Bruna Dias Campos

Fabiana Lemes da Silva

Ivan Aparecido da Silva

José Aparecido Santana

Marcia Muniz Brilhante de Toledo

Mônica Lara Marsura

Quitéria Maria da Silva Barros

Thais Fidelis de Paula Silva

Terezinha Joana Camilo

Viviane de Cássia Araujo



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.28>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano III, n. 28 (maio 2022). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2022.

86 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

ISSN 2675-2573 (on-line)

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877



São Paulo
2022

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Comissão editorial:

Antônio Raimundo Pereira Medrado
José Roberto Tenório da Silva
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Denise Mak
Isac dos Santos Pereira
Patrícia Tanganelli Lara
Thaís Thomas Bovo

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Me. Adeilson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Ma. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo
Profa. Ma. Veneranda Rocha de Carvalho

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Profa. Mestranda. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira
Prof. Mestrando José Wilton dos Santos

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado
José Roberto Tenório da Silva
Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. (11) 98031-7887
Whatsapp: (11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com
https://primeiraevolucao.com.br
São Paulo - SP - Brasil

netomanuelfrancisco@gmail.com
Luanda - Angola

Imagens, fotos, vetores etc:

https://publicdomainvectors.org/
https://pixabay.com
https://br.freepik.com

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Publicada no Brasil por:

Edições **Livro Alternativo**

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

PRINCÍPIOS:

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**



Filiada à:



www.primeiraevolucao.com.br

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

SUMÁRIO

05 APRESENTAÇÃO

Prof^ª. Dra. Andréia Fernandes de Souza



COLUNA

6 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac dos Santos Pereira



ARTIGOS

- | | |
|--|----|
| 1. A IMPORTÂNCIA DAS SALAS DE LEITURA NA FORMAÇÃO DE CIDADÃOS LEITORES | 9 |
| Ana Paula Brito Paixão | |
| 2. A RELEVÂNCIA DA ARTE NOS ANOS INICIAIS | 15 |
| Anna Caroliny Lima Kecek Ruiz | |
| 3. A IMPORTÂNCIA DA PARCERIA ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA | 23 |
| Bruna Dias Campos | |
| 4. RELAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO INFANTIL E A AFETIVIDADE | 29 |
| Fabiana Lemes da Silva | |
| 5. A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA | 37 |
| Ivan Aparecido da Silva | |
| 6. REFLEXÕES SOBRE DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS NA EDUCAÇÃO BÁSICA | 43 |
| José Aparecido Santana | |
| 7. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E A ARTE PARA A MELHOR IDADE | 49 |
| Marcia Muniz Brilhante de Toledo | |
| 8. A ARTE E SUA IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL | 55 |
| Mônica Iara Marsura | |
| 9. O CORPO E O MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL | 61 |
| Quitéria Maria da Silva Barros | |
| 10. ALGUNS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NO SÉCULO XXI | 67 |
| Terezinha Joana Camilo | |
| 11. A CONTRIBUIÇÃO DO DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL | 73 |
| Thais Fidelis de Paula Silva | |
| 12. TEA, EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O APOIO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE) | 81 |
| Viviane de Cássia Araujo | |

RESUMO: O presente artigo discute sobre as dificuldades de aprendizagem, a partir dos possíveis motivos, incluindo-se a questão da indisciplina. As dificuldades de aprendizagem são fruto de uma interação entre aspectos genéticos e ambientais. O aspecto genético é o que dá a propensão a criança para apresentar determinados processamentos cognitivos que vão levar a aprendizagem. Já os aspectos ambientais contribuem para a mesma e podem diminuir essa dificuldade ou não. A metodologia escolhida foi a qualitativa para o tratamento dos dados a partir de revisão bibliográfica. Os resultados encontrados indicaram que é preciso adaptar a sala de aula para os alunos com dificuldades relativas à aprendizagem a partir de uma pedagogia diferenciada, ou seja, uma abordagem com estratégias e instrumentos que atinjam as reais necessidades desses alunos.

Palavras-chave: Acolhimento. Desafios. Estratégias. Indisciplina. Interações.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos o número de alunos com dificuldades de aprendizagem aumentou consideravelmente. Essas dificuldades, por vezes, são vistas como uma desordem ou transtorno de aprendizagem. Pesquisas indicam que muitos alunos sofrem de distúrbios. Estes afetam a capacidade do cérebro em receber e processar informação e pode tornar problemático o aprendizado. Uma descrição melhor definida pelo olhar etimológico indica que a palavra distúrbio pode ser traduzida como uma patologia por uma mudança violenta da ordem natural.

O uso dessa expressão tem se estendido de maneira excessiva entre professores, porém, nem sempre se consegue deixar claro o significado desta expressão ou os critérios que se utilizam como base no ambiente escolar.

Para fazer a prevenção de ocorrências de erros de interpretação o comitê National Joint Committee for Learning Disabilities, nos Estados Unidos, órgão que normatiza as discussões referentes aos distúrbios de aprendizagem, compreendendo as alterações como intrínsecas à pessoa e presumivelmente devido a disfunções do Sistema Nervoso Central (SNC), por exemplo, acompanhada de uma explicação em que a origem do distúrbio poderia ser interno, incluindo-se o mal funcionamento do SNC.

Os alunos que demonstram dificuldades na aprendizagem, necessitam de intervenção diferenciada para desenvolver um pensamento positivo baseado na sua própria intuição, como pessoa apta a aprender e ser o agente principal dessa aprendizagem, favorecendo o seu aprendizado e o seu desenvolvimento afetivo e social, contribuindo para a formação da personalidade.

O QUE SÃO DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM?

Para grande parte das crianças e adolescentes aprender se tornou um desafio. Levando isso para um contexto geral, não indica que seja uma deficiência na aprendizagem, pois, cada aluno possui uma capacidade diferente, uns com grande capacidade para ouvir, assimilando muitas informações ao ouvir o docente; já outras possuem a facilidade de aprender visualmente, simplesmente lendo; e alunos que são chamados de cinestésicos, onde possuem maior facilidade de aprendizado através da interação física com objetos.

Para determinados alunos tanto a fala como as imagens, podem fazer menos sentido do que uma interação pessoal, porém, dentro de uma sala de aula, os alunos são heterogêneos e é esperado que todos aprendam independentemente da metodologia escolhida. Desta forma, acaba sendo inevitável que algumas crianças apresentem problemas quanto à aprendizagem (SCOZ, 1994).

Existem pesquisadores que acreditam que possa existir certa diferença entre problemas e deficiências de aprendizagem. A explicação seria por pensar que os problemas poderiam ser superados a partir da dedicação e paciência não podendo-se dizer o mesmo para a deficiência de aprendizagem. Assim:

Muita criança com deficiência de aprendizagem tem inteligência média ou acima da média; algumas, de fato, são extremamente brilhantes. É esse paradoxo que muitas vezes alerta os médicos da possível presença de uma deficiência de aprendizagem (MIRANDA, 2000, p.58).

Uma explicação seria que os alunos não possuem apenas certa dificuldade para acompanhar seus colegas de sala, mas, que o desempenho acaba não sendo compatível com o seu real potencial. Desta forma, segundo o Comitê Nacional de Dificuldades de Aprendizagens:

Dificuldade de aprendizagem é um termo genérico que se refere a um grupo heterogêneo de desordens manifestadas por dificuldade na aquisição e no uso da audição, a fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas. Estas desordens são intrínsecas ao sujeito. Presumidamente, devido a uma disfunção no sistema nervoso central, podendo ocorrer apenas por um período na vida (CIASCA, 1994, p. 36).

Fernandez (1991) apresenta uma visão que abrange mundialmente a discussão relativa às dificuldades de aprendizagem:

Se pensarmos no problema de aprendizagem como só derivado do organismo ou só da inteligência, para a sua cura não haverá necessidade de recorrer a família. Se ao contrário, as patologias no aprender surgissem na criança somente a punir sua função equilibradora do sistema familiar, não necessitaríamos, para seu diagnóstico e cura recorrer ao sujeito separadamente da sua família [...] (FERNANDEZ, 1991, p. 46).

Desta forma, não existe um consenso na bibliografia em relação a sua descrição para as dificuldades de aprendizagem. Sob uma visão sobre a origem orgânica, as dificuldades de aprendizagem são consideradas como desordens neurológicas que comprometem o recebimento ou a compreensão de uma dada informação e são detectadas por dificuldades expressivas junto a aquisição e desenvolvimento da fala, da leitura, da escrita, do raciocínio, aptidões matemáticas ou capacidades sociais (CORREIA E MARTINS, 2005).

O Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais - DSM IV (1994), por sua vez, explica o transtorno da aprendizagem como sendo os resultados de um indivíduo em testes padronizados de leitura, matemática ou expressão escrita estão substancialmente abaixo do esperado para sua idade, escolarização e nível de inteligência.

Já a Classificação de transtornos mentais e de comportamento - CID 10 (OMS, 1998), denomina essas dificuldades como transtornos nos quais as modalidades habituais de aprendizado estão alteradas desde as primeiras etapas do desenvolvimento.

Numa possibilidade educacional, as dificuldades de aprendizagem se espelham em uma incapacidade ou empecilho para a aprendizagem da leitura, escrita e/ou cálculo ou para a obtenção de aptidões sociais (CORREIA E MARTINS, 2005)

Ballone (2004), cita que as dificuldades de aprendizagem não devem ser tratadas como se fossem problemas indissolúveis, mas, sim como desafios que fazem parte do próprio processo da aprendizagem. Também considera necessário identificar e preveni-las mais prematuramente de preferência ainda na pré-escola.

Porém, de acordo com Ross (1979, apud MIRANDA, 2000), o uso do termo distúrbio de aprendizagem, chama a atenção para a presença de crianças e adolescentes que vão para as escolas e apresentam dificuldades de aprendizagem, embora não apresentem de forma aparente problemas intelectuais, sensoriais ou emocionais.

Essa rotulação ainda de acordo com o autor, resultou ao longo dos anos, o esquecimento dessas crianças, sendo deixadas de lado, não diagnosticadas e até mesmo esquecidas; e as dificuldades que demonstravam eram compreendidas de diversas maneiras como hiperatividade, lesão cerebral mínima, dificuldades ou disfunções da aprendizagem.

Assim, até pouco tempo atrás, os termos distúrbios, transtornos, dificuldades e problemas de aprendizagem eram utilizados de forma aleatória, tanto na literatura como na prática clínica e escolar para designar quadros diagnósticos diferentes (MOOJEN, 1999).

Segundo Fonseca (2008), dentre os principais transtornos que podem levar a dificuldades em aprender, pode-se destacar alguns.

A Hiperatividade é um distúrbio de ordem neurológica, cujos sinais são a inquietude, desatenção, falta de concentração, impulsividade e agitação psicomotora. A Dislexia, uma perturbação da linguagem que se manifesta na dificuldade de aprendizagem da leitura e da escrita, ou seja, na dificuldade de distinção ou memorização de letras ou grupos de letras, e problemas de ordenação, ritmo e estruturação das frases, afetando a leitura e a escrita.

A Disortografia que é uma dificuldade da escrita, que pode manifestar-se independentemente de haver ou não alterações na leitura. Na maior parte das vezes constitui-se como um conjunto de erros de escrita, feitos de forma sistemática, que afetam a palavra, mas não o seu traçado ou grafia e que podem provocar a total ilegibilidade dos escritos.

A Disgrafia, uma alteração da escrita que afeta na forma ou no significado, sendo tipo funcional. Há uma perturbação na componente motora do ato de escrever, provocando compressão e cansaço muscular, que por sua vez são responsáveis por uma caligrafia deficiente, com letras pouco diferenciadas, mal elaborada e mal proporcionada.

E a Discalculia, um transtorno adquirido da habilidade para realizar operações matemáticas básicas, tais como: quantificação e numeração ou cálculo aritmético. É causada por disfunção de áreas temporais. A discalculia está muitas vezes associada à dislexia (FONSECA, 2008).

A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO ESCOLAR COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

O conteúdo e a prática social voltada para a educação em consequência da sua gestão são determinantes para a evolução do mundo do trabalho. Portanto, a administração da educação é determinada pela concretude histórica da produção material da existência humana e pelo objeto específico da prática social da mesma (LA TAILLE, 2010).

Importa explicitar o sentido, a razão de ser, o caráter fundamental do ato pedagógico, da relação professor e aluno neste novo mundo do trabalho que emerge e exige ao mesmo tempo. Esta explicitação implica o desvelamento do quê, de fato, é necessário objeto de aprendizagem na escola.

Educação no sentido amplo é o processo concreto de produção histórica da existência humana. Neste sentido, todas as relações estabelecidas da pessoa com o mundo, com os outros e consigo mesma faz parte do processo educativo. No processo histórico da inclusão das pessoas junto a intervenções educativas, que constituem a prática social educativa (ESTRELA, 2002).

Já num sentido mais restrito, educação é uma prática social que tem por objetivo contribuir, direta e intencionalmente, no processo de construção histórica das pessoas, a partir de intervenções educativas no processo histórico e concreto das pessoas (NUNES, 2011).

Em nossa época, a forma mais conhecida de intervenção educativa é a própria escola. O centro, a razão de ser e o sentido desta educação, como prática social, é a aprendizagem, o ato pedagógico e a relação interpessoal entre profissionais da educação e educandos com o objetivo explícito de educar, de intervir durante o processo de ensino e aprendizagem.

O objeto específico desta aprendizagem é o conhecimento. Portanto, a compreensão ou o sentido de conhecimento é fundamental e determinante para o ato pedagógico e para a administração da escola. O conhecimento pode ser entendido como produto, como informação ou como processo, como construção.

Estas duas compreensões implicam em formas antagônicas de se administrar o ambiente escolar, nos seus processos de política, planejamento, gestão e avaliação. O conhecimento como informação, é chamado de saber historicamente acumulado servindo de objeto do trabalho pedagógico a partir do conhecimento enquanto informação; a função e o objetivo do ato pedagógico é a socialização deste saber para que ele seja incorporado pelos alunos. O saber historicamente acumulado pela humanidade deve ser transmitido pelos profissionais da educação e devem ser assimilados pelos mesmos (ALMEIDA, 1993).

O importante é que o aluno compreenda o saber existente, e não que se torne uma enciclopédia ambulante, neste sentido, como um computador ou uma enciclopédia que teoricamente saberiam muito mais do que as pessoas.

Uma educação com esta visão de conhecimento, em que é preciso desenvolver as diferentes competências e habilidades ao máximo, contribui para a produção de pessoas cultas, onde a falta desse tipo de entendimento sobre o conhecimento pode ser justificada como uma prática pedagógica e uma gestão escolar autoritária, onde nada impede que o conteúdo seja imposto e a prática educativa seja autoritariamente gerida. Esse tipo de gestão está voltada para uma educação já ultrapassada como a relação entre os que sabem e devem transmitir e os que não sabem e devem assimilar (ASSIS, 1990).

O conhecimento como processo e como produção, é a construção do saber, o conteúdo, as informações ou o saber historicamente acumulado pela humanidade, que devem ser trabalhados e não assimilados no ato pedagógico. O importante é que o aluno compreenda a sua própria palavra e desenvolva a sua competência para exercer o direito de se pronunciar.

A ação pedagógica focada no conhecimento como construção é, por exigência intrínseca, interativa, interpessoal, participante e democrática, exigindo uma gestão compartilhada.

A prática democrática da gestão da escola deve envolver a elaboração, a execução e a avaliação do Projeto Político Pedagógico que decorrem da natureza e do caráter fundamental do processo educativo, que é o objeto da relação pedagógica: o conhecimento como processo, como construção, como ampliação do saber e produção de estruturas mentais avançadas, exigidas para a inserção competente na sociedade do conhecimento que emerge e para a efetiva emancipação humana.

Quanto ao comportamento que também pode gerar dificuldades de aprendizagem, pode-se afirmar que o homem significa o mundo e a si próprio por meio das experiências sociais. Desse modo, essa concepção liga o desenvolvimento da pessoa à sua relação com o ambiente sociocultural em que vive e à situação do organismo que não se desenvolve plenamente sem o suporte de outros indivíduos da sua espécie (BALLONE, 2005).

De qualquer forma, em relação ao papel da escola, é preciso considerar que a vida social exige certas competências e que a escola precisa trabalhá-las, criar alternativas, encorajar interesses, abrir as portas da consciência e da reflexão. Se o conhecimento em sala de aula parece ocorrer em acordo ou desacordo com as características esperadas e idealizadas das relações entre o sujeito consciente e o agente mediador, é preciso cuidado para que as ocorrências heterogêneas das inter-relações entre os sujeitos sejam melhor caracterizadas, abrangendo possibilidades que estão além das noções de harmonia ou ajuda (CIASCA, 1994).

É preciso atuar na zona de desenvolvimento proximal considerando tudo o que se pode prever na intencionalidade pedagógica para tornar possível algo que o indivíduo ainda não faz.

Vygotsky (1989), já dizia que a Zona de Desenvolvimento Proximal se subdivide em Nível de Desenvolvimento Real, que é quando o aluno capta o conteúdo e consegue fazer as atividades sozinho; e o Nível de Desenvolvimento Potencial, que é quando o aluno realiza as atividades, porém, necessitando de algum tipo de ajuda.

Assim, os dois níveis se tornam essenciais e, ao mesmo tempo, complementares, onde o aluno precisa passar do desenvolvimento potencial para o proximal. Na Zona de Desenvolvimento Proximal, o mediador, deve ensinar as crianças e intervir no ensino, ajudando-a trazendo experiências e estruturando a aprendizagem intencionalmente.

Portanto, deve-se estabelecer, constantemente, um objetivo para desenvolver as funções superiores como a linguagem, a atenção voluntária, a percepção, a memória, o raciocínio, dentre outras; ou seja, elevar o nível dos programas de ensino, de instrução e desenvolvimento não desenvolvem de forma direta, mas, são processos que se encontram em relações múltiplas complexas que contribuem para isso.

A partir de todos esses referenciais, é possível afirmar que os comportamentos de uma pessoa, suas expressões, gestos e atitudes, representam sua maneira de ser, desenvolvendo-se na sua relação com as outras pessoas do seu meio e que traz as marcas de certos padrões culturais. Portanto, ao se discorrer sobre a questão da indisciplina, pode-se dizer que não se trata de um traço inerente ao sujeito (criança/aluno), mas que esse sujeito se constitui na sua personalidade a partir de suas experiências concretas no grupo cultural ao qual pertence (relações familiares, educação infantil, educação escolar, entre outros) (NUNES, 2011).

Nessa perspectiva teórica, os processos humanos, entre eles os comportamentos disciplinados ou não, têm sua gênese nas relações sociais e devem ser compreendidos em seu caráter histórico-cultural. O homem significa o mundo e a si próprio não de forma direta, mas, por meio da experiência social mediada.

É também dever da escola desenvolver o sentido da individualidade e da identidade do aluno, o que se faz por meio da participação no processo social, na assimilação cultural e no desenvolvimento de valores e atitudes. Nós nos construímos como pessoas iguais e, ao mesmo tempo, diferentes de todas as outras, por isso, é preciso ampliar o conhecimento nas diferentes áreas, tendo em vista a relação com o outro, as questões políticas mais amplas, a saúde coletiva e o meio ambiente (SISTO, 1997).

Assim, é preciso que a escola faça uma adequação ao conhecimento das necessidades reais dos alunos, avaliando suas condições sociais, cognitivas e emocionais, promovendo com este diagnóstico, o desenvolvimento global do indivíduo, através de métodos eficientes e do amor por ensinar.

Sendo assim os educadores e gestores devem possuir uma visão política e filosófica, competência técnica, bem como conhecimento a respeito da psicologia do desenvolvimento do ser humano e suas etapas. Dessa forma, poderão transmitir valores e significados aos alunos, que se trabalhados de maneira democrática, com a participação ativa de todos os envolvidos na educação, poderá trazer bons resultados.

A indisciplina escolar pode desencadear violência escolar (agressão física e verbal aos agentes escolares, professores e colegas, depredação do ambiente físico, desrespeito ao próximo). Essa violência é a contraposição ao governo e à educação, sendo a manifestação da insatisfação e descontentamento perante a sociedade (AZEVEDO, 2003).

Portanto, se deve empregar nas escolas e comunidades, constantemente, conceitos de não violência, para que haja a prevenção e não apenas tentativas de combate. No entanto, é necessário educar pela paz, liberdade e para a cidadania. Lembrando também que a indisciplina no ambiente escolar pode resultar em dificuldades de aprendizagem, ou ser um dos motivos dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando começam a aparecer dissociações no campo da aprendizagem e sabe-se que o educando não tem danos orgânicos, pode-se pensar que estão se instalando dificuldades na aprendizagem, ou seja, algo vai mal no pensar, na sua expressão oral e escrita, no agir sobre o mundo.

A aprendizagem escolar também é considerada um processo natural, que resulta de uma complexa atividade mental na qual o pensamento, a percepção, as emoções e os conhecimentos prévios estão envolvidos e onde o aluno deve sentir o prazer em aprender.

É necessário que se adapte na sala de aula ao ter contato com os alunos que enfrentam dificuldades relativas à aprendizagem uma pedagogia diferenciada, ou seja, uma abordagem com estratégias e instrumentos que atinjam as reais necessidades do aluno. O objetivo será sempre o de considerar a diversidade dos alunos, seu nível real de conhecimento e dar a todos a chance de aprender.

Sendo assim, inferimos que a função do professor deve ir muito além da abordagem dos conteúdos que lhe são expostos no currículo, devem procurar entrar no universo do aluno na tentativa de perceber como ele está aprendendo e se há entraves para que a aprendizagem ocorra, de posse dessas informações, buscar novas maneiras de lecionar as metodologias de trabalho diferenciadas que visem o aprendizado de todos os alunos, dando um enfoque especial aqueles que encontram maiores dificuldades para aprender.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, S.F.C. de. O lugar da afetividade e do desejo na relação ensinar aprender. **Temas em Psicologia**, n.1, 1993.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM**. 4 ed. Washington D/C, 1994.
- ASSIS, M.B.A.C. Aspectos afetivos do desempenho escolar: alguns processos inconscientes. **Boletim da Associação Brasileira de Psicopedagogia**, n.20, p.35-48, 1990.
- AZEVEDO, E.M. dos S. **A indisciplina na escola: processo de formação e identidade da criança**. São Paulo: Saraiva, 2003.
- BALLONE, G.B. **Dificuldades de Aprendizagem (ou Escolares)**. 2004. Disponível em: <http://virtualpsy.locaweb.com.br/index.php?art=49&sec=19>. Acesso em: 05 mai. 2022.

-
- CIASCA, S.M. **Distúrbios e dificuldades de aprendizagem em crianças: análise do diagnóstico interdisciplinar.** Tese de Doutorado Não-Publicada, Programa de Pós-Graduação em Neurociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.
- CORREIA, L.M.; MARTINS, A.P. (2005). **Dificuldades de Aprendizagem. O que são? Como entendê-las?** Biblioteca Digital. Coleção Educação. Portugal, Porto Editora. Disponível em: www.educare.pt/BibliotecaDigitalPE/Dificuldades_de_aprendizagem.pdf. Acesso em: 05 mai. 2022.
- ESTRELA, M.T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula.** 4ª. ed. Porto: Porto, 2002.
- FERNANDEZ, A. **A Inteligência Aprisionada: Abordagem Psicopedagógica Clínica da Criança e da Família.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FONSECA, J.F. de O. **Dificuldade da aprendizagem.** Uberaba: FIJ, 2008.
- LA TAILLE, Y. de. **Limites: três dimensões escolares.** São Paulo: Ática, 2010.
- MIRANDA, M.I. **Crianças com problemas de aprendizagem na alfabetização: contribuições da teoria piagetiana.** Araraquara, SP: JM Editora, 2000.
- MOOJEN, S. Dificuldades ou transtornos de aprendizagem? In: Rubinstein, E. (Org.). **Psicopedagogia: uma prática, diferentes estilos.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- NUNES, A.O. **Como restaurar a paz nas escolas: um guia para educadores.** São Paulo: Contexto, 2011.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10 - Diretrizes Diagnósticas e de Tratamento para Transtornos Mentais em Cuidados Primários.** 1998. Porto Alegre: Artes Médicas. Rev Bras Psiquiatr, 21 (2), 1999, 105 páginas. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/4ksbFDTVKW77jBjx8Cvzkr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 mai. 2022.
- SCOZ, B. **Psicopedagogia e realidade escolar, o problema escolar é de aprendizagem.** Petrópolis: Vozes, 1994.
- SISTO, F.F. **Aprendizagem e mudanças cognitivas em crianças.** Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- VYGOTSKY, L.S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone, 1989.

José Aparecido Santana



Licenciado pelo Programa Especial de Formação Pedagógica Superior, denominado Normal Superior pelo Centro Universitário Hermínio Ometto, UNIARARAS; Pós Graduação Lato Sensu, Especialização em Gestão Educacional na Área do Conhecimento, Educação pela Universidade Cruzeiro do Sul, UNICSUL; Especialização em Psicopedagogia Institucional pela Faculdade Associada Brasil, FAB; Cursando Especialização em Educação Especial com ênfase em Atendimento Educacional, AEE, oferecido pela Secretaria Municipal de Educação, SME ministrado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP. Professor de Educação Infantil, PEI da Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.



ORGANIZAÇÃO:

Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Ana Paula Brito Paixão

Anna Carolyn Lima Kecek Ruiz

Bruna Dias Campos

Fabiana Lemes da Silva

Ivan Aparecido da Silva

José Aparecido Santana

Marcia Muniz Brilhante de Toledo

Mônica Lara Marsura

Quitéria Maria da Silva Barros

Thais Fidelis de Paula Silva

Terezinha Joana Camilo

Viviane de Cássia Araujo



Produzida com utilização de softwares livres



www.primeiraevolucao.com.br

Filiada à:

